

Jornal do CAPS: Construção de histórias em Oficinas Terapêuticas

Susane Vasconcelos Zanotti
Adélia Augusta Souto de Oliveira

*Universidade Federal de Alagoas
Maceió, AL, Brasil*

Juliano Almeida Bastos

*Centro de Atenção Psicossocial Dr. João Cabral Toledo
Capela, AL, Brasil*

Wanderson Vilton Nunes da Silva

*Universidade Federal de Alagoas
Maceió, AL, Brasil*

RESUMO

Este artigo é resultado da intervenção em um Centro de Atenção Psicossocial no âmbito do projeto de extensão universitária “Oficinas Terapêuticas em Centros de Atenção Psicossocial”. Seu objetivo é descrever e problematizar aspectos relacionados à abordagem metodológica adotada. Para tanto, focaliza a construção de histórias de vida e do lugar enquanto instrumento privilegiado na oficina terapêutica. Os subsídios teórico-metodológicos utilizados referem-se às contribuições da Psicanálise ao campo da Saúde Mental e às formulações de Freud e Lacan sobre construções e histórias. A repercussão evidenciou-se na efetivação das dez oficinas, as quais possibilitaram ao grupo a construção de histórias e a produção de um jornal por eles intitulado “Jornal do CAPS”. Identifica-se ainda, mudanças na comunicação, no ato de contar e construir histórias, e na convivência estabelecida entre os integrantes do grupo.

Palavras-chave: História; Oficinas Terapêuticas; CAPS; psicanálise; saúde mental.

ABSTRACT

Journal CAPS: Construction of stories in Therapeutic Workshops

This article is the outcome of an intervention in a Psychosocial Care Centers under the university extension project “Therapeutic Workshops on Psychosocial Care Centers.” Its objective is to describe and discuss aspects related to the methodological approach adopted. To do so, we focused on the construction of life stories as the main instrument on the therapeutic workshop. The contributions of Psychoanalysis to the field of Mental Health as well as the works of Freud and Lacan concerning the build of personal histories were the main theoretical and methodological resources used to this investigation. The accomplishment of ten workshops showed an evident repercussion, enabling the group to construct histories and to produce a newspaper entitled “Jornal do CAPS”. We also identified communication changes, as in the act of tell and construct stories and in friendship set up between the members of the group.

Keywords: History; Therapeutic Workshops; CAPS; psychoanalysis; mental health.

RESUMEN

Diario de CAPS: construcciones de historias en Talleres Terapéuticos

Este artículo resulta de la intervención en un Centro de Atención Psicossocial (CAPS) en el ámbito del proyecto de extensión universitaria “Talleres Terapéuticos en Centros de Atención Psicossocial”. Su objetivo es describir y problematizar aspectos relacionados al enfoque metodológico adoptado. Para tanto, se centra en la construcción de historias de vida y del lugar como instrumento principal en el taller terapéutico. Los recursos teóricos y metodológicos se refieren a las aportaciones de la Psicoanálisis al campo de la Salud Mental y a las formulaciones de Freud y Lacan acerca de las construcciones e historias. La repercusión es evidente en la efectucción de las diez oficinas, lo que permitió al grupo la construcción de historias y la producción de un periódico por ellos titulado “Diario de CAPS”. También identifica, los cambios en la comunicación, en el acto de contar/construir historias, y en la convivencia establecida entre los miembros del grupo.

Palabras clave: Historia; Talleres Terapéuticos; psicoanálisis; salud mental.

INTRODUÇÃO

No movimento da reforma psiquiátrica no Brasil, as oficinas terapêuticas estão previstas como uma das principais formas de tratamento oferecido nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). As oficinas ganham lugar de destaque tanto no papel terapêutico quanto na reinserção social. Suas ações devem envolver o trabalho, a criação de um produto, a geração de renda e a autonomia do sujeito (Ministério da Saúde, 2004). O CAPS tem como característica premente a abertura para novas formas de intervenção e tem possibilitado às equipes multiprofissionais o desenvolvimento de práticas nas quais as oficinas terapêuticas se consolidam como importante dispositivo clínico.

A prática clínica em instituições de saúde mental tem sido objeto de investigação e produções teóricas de psicanalistas. Alguns exemplos são os trabalhos de Viganò (1999), Figueiredo (2004), e Andrade (2005), sobre a construção de casos clínicos nesse contexto; e os livros, “Psicanálise e saúde mental”, organizado por Alberti e Figueiredo (2006) e “Oficinas terapêuticas em saúde mental”, organizado por Costa e Figueiredo (2008).

Costa e Figueiredo (2008) ao abordarem a função terapêutica das oficinas no campo da Saúde Mental, mencionam a base das atuais oficinas – a terapia ocupacional – e anunciam a diferença no modo de concebê-las. A terapia ocupacional era utilizada nas instituições psiquiátricas como um “ocupacionismo”, sem que a possibilidade de expressão “fosse de fato valorizada como um instrumento terapêutico, propiciador de recursos na estabilização da psicose” (Costa e Figueiredo, 2008, p. 7).

Este artigo é fruto da intervenção em CAPS como aposta na possibilidade de expressão como instrumento terapêutico. Trata-se dos resultados obtidos em um CAPS no âmbito do projeto de extensão universitária “Oficinas Terapêuticas em Centros de Atenção Psicossocial” (PROEX/UFAL), o qual tem como objetivos: construir instrumental para intervenção com usuários dos CAPS; aprofundar os conhecimentos teóricos acerca da saúde mental; intervir junto aos usuários dos CAPS valorizando a expressão através da criação de espaços de convivência e comunicação; e, possibilitar ao estudante de Psicologia prática clínica no campo da saúde mental, a partir da investigação/intervenção em Centros de Atenção Psicossocial no Estado de Alagoas.

Consideramos que a escolha por oficinas terapêuticas na orientação do trabalho em CAPS implica em uma forma particular de lidar com a singularidade e o sujeito em tratamento. Nesse sentido, as estratégias utilizadas no Projeto de Extensão “Oficinas terapêuticas

em Centros de Atenção Psicossocial”, privilegiam as especificidades do grupo e o cotidiano desses sujeitos. As oficinas terapêuticas propostas, no âmbito do referido projeto, consideraram as particularidades dos quatro CAPS nos quais foram realizadas e a singularidade dos sujeitos que delas participaram. O uso de diferentes instrumentos metodológicos é prova disso: pintura a dedo, música, construção de história e a fala. Esse resultado só é possível porque as atividades do grupo de trabalho são planejadas junto com a equipe do CAPS, com a concordância dos participantes das oficinas.

A discussão que se segue, sobre a intervenção no Centro de Atenção Psicossocial Dr. Cabral Toledo – “Espaço Nova Vida”, descreve e problematiza aspectos relacionados à abordagem metodológica adotada. Para tanto, focaliza a construção de histórias de vida e do lugar enquanto instrumento privilegiado na oficina terapêutica. Os subsídios teórico-metodológicos utilizados referem-se às contribuições da Psicanálise ao campo da Saúde Mental e às formulações de Freud e Lacan sobre construções e histórias.

Este trabalho tem relevância ao comportar as histórias de sujeitos em sua singularidade e na partilha do cotidiano de suas realidades subjetivas, configurando-se aqui pela confecção de um jornal: na reflexão de como apresentar, escolher, configurar o que fora dito e escrito no âmbito de atividades coletivas em torno da palavra história. Por fim, sua repercussão evidencia-se na efetivação das dez oficinas, as quais possibilitaram ao grupo a construção de histórias e a produção de um jornal por eles intitulado “Jornal do CAPS”. Identificamos ainda, mudanças na comunicação, no ato de contar e construir histórias, e na convivência estabelecida entre os integrantes do grupo.

O CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

O CAPS Dr. Cabral Toledo – “Espaço Nova Vida” iniciou suas atividades em 2005 com uma equipe composta por profissionais da Secretaria Municipal de Saúde da cidade de Capela. Estes profissionais prestavam assistência ambulatorial a sujeitos em sofrimento psíquico, e continuaram adotando práticas nessa mesma direção, quais sejam, práticas clínicas individuais. No início do ano de 2006, a partir de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação, foram desenvolvidas as primeiras atividades em grupo junto aos usuários que consistiam em aulas ministradas por professoras do Programa de Educação de Jovens e Adultos.

Os grupos desenvolvidos no CAPS sob coordenação dos demais técnicos da equipe multiprofissional seguiram essa proposta pedagógica na abordagem, isto

é, tinham como objetivo a transmissão de orientações. Desse modo, o facilitador do grupo apresentava algum tema e falava para os participantes sobre o mesmo; estes demonstravam esforço para compreender as informações, mas, na maioria das vezes, dispersavam-se.

Em maio de 2007 foi proposto um grupo, “Construindo Sentidos”, visando possibilitar aos participantes a expressão verbal livre e espontânea acerca de temas previamente pensados pelo facilitador. Intitular o grupo pareceu uma oportunidade *a priori* de informar à equipe e aos usuários qual seria a dinâmica desse grupo. Com isso, pretendeu-se evidenciar que nesse grupo não se tratava de ouvir as recomendações do psicólogo e sim de realizar uma construção em conjunto, onde os participantes assumiriam o protagonismo do processo. Adotou-se o modelo de oficina terapêutica e utilizou-se como referencial teórico-metodológico as práticas discursivas à luz da perspectiva construcionista (Ibáñez, 1993).

Nesse sentido, foram desenvolvidas oficinas semanais, com um grupo de aproximadamente 30 usuários do CAPS, em atendimento intensivo ou semi-intensivo. A proposta foi possibilitar a verbalização livre a partir de palavras, visando estimular a fala de referências individuais na construção de sentidos e possibilitar re-significação dessas referências. Esse procedimento revelou-se um importante canal de comunicação para o grupo, favorecendo a expressão da subjetividade e o compartilhamento de idéias, sentimentos e emoções.

Durante a oficina, todos os presentes eram convidados a se expressar e a ouvir. Com o desenvolvimento da atividade observou-se uma modificação nos processos de interação entre alguns usuários, o desenvolvimento da capacidade de expressão verbal e o fortalecimento de vínculos entre os participantes de modo geral, advindos do compartilhamento das experiências.

Em 2008, professoras da Universidade Federal de Alagoas propuseram um projeto de intervenção com atividades que também priorizam atendimento em grupo com usuários do CAPS.

AS OFICINAS TERAPÊUTICAS

A proposta de intervenção no projeto de extensão universitária consistiu em realizar oficinas terapêuticas com sujeitos adultos, durante três meses. As oficinas foram propostas com a finalidade de criar espaços de convivência e comunicação entre os participantes, privilegiando a produção dos sujeitos. A respeito destas, concordamos com Guerra (2008) de que a dimensão essencial das oficinas “refere-se à articulação da dimensão sócio-política com a dimensão da subjetividade” (p. 55).

O planejamento e execução das oficinas foram desenvolvidos por estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, por professores-supervisores da Universidade e pelo psicólogo do Centro de Atenção Psicossocial. Nesse processo de planejamento e execução das oficinas, foi preciso considerar alguns aspectos. Dentre eles: o trabalho “Construindo Sentidos”, previamente desenvolvido pelo psicólogo com esse grupo; as falas dos usuários sobre o CAPS e o trabalho em grupo; os modos de apresentação do sofrimento psíquico; o contexto no qual os sujeitos estão inseridos; as possibilidades para realização dessa proposta de intervenção e o fato dos estudantes conduzirem as oficinas. A supervisão semanal com os estudantes mostrou-se fundamental na condução do trabalho com o grupo, na reflexão e questionamento crítico sobre a intervenção no CAPS e na da escuta do estudante em formação (Bastos et al., 2009).

A proposta inicial da oficina consistiu em desenvolver atividades para dar lugar à expressão dos participantes, por meio da fala. Como produto das oficinas, a sugestão da equipe era a construção de um livro com os contos produzidos pelos participantes sobre temáticas referentes às suas vidas na cidade em que moram. O psicólogo, em colaboração com o projeto de intervenção da Universidade, propôs iniciar as oficinas com a palavra “história”. A proposta foi aceita por entendermos que esta palavra poderia configurar-se em um convite aos sujeitos para contar e construir histórias, circunscrevendo-as como atividades nas quais eles colaborariam espontaneamente.

A importância do termo construção em psicanálise é apresentada por Freud (1937/2001): “Trata-se de “construção”, em compensação, quando se apresenta ao analisante um fragmento de sua pré-história, que ele esqueceu” (p. 262). Assim, Freud localiza inicialmente a construção do lado do analista; ela consiste na disposição desses fragmentos, a qual é comunicada ao sujeito. Em seguida, apresenta a construção do lado do analisante quando, a partir da leitura do analista e da abertura para a elaboração, ele é convidado ao trabalho subjetivo. Assim, ao aceitar esse convite, o sujeito começa a contar sua história ao analista. Este é um elemento central na teoria e prática psicanalítica, como ressalta Lacan, “É justamente essa assunção de sua história pelo sujeito, no que ela é constituída pela fala endereçada ao outro, que serve de fundamento ao novo método a que Freud deu o nome de Psicanálise” (Lacan, 1998/1953, p. 258).

Lacan (idem) aborda a importância do termo história no método psicanalítico. Neste método, seus meios são os da fala, seu campo é o inconsciente e o resultado, a rememoração. “Não se trata para Freud,

nem de memória biológica, nem de mistificação intuicionista, nem de paramnésia do sintoma, mas de rememoração, isto é, de história” (p. 257). História de um sujeito, sob a qual, segundo Freud (1937/2001) deve ser reconhecido, no trabalho terapêutico, seu núcleo de verdade, mesmo nas construções delirantes.

Miller (2005) também ressalta o valor da história para o trabalho clínico ao comentar a estratégia de Lacan em “Função e campo da fala e da linguagem” quando apresenta, em oposição ao conceito de desenvolvimento, um outro, “o de história, que não é natural, mas humano e opera na ordem do sentido” (Miller, 2005, p. 193). Ou seja, um fato só é inscrito na ordem do sujeito quando recebe valor significativo.

Com base nos subsídios teórico-metodológicos apresentados, os quais orientaram o trabalho de intervenção, propôs-se um cronograma de atividades, tendo como perspectiva a construção de dez oficinas terapêuticas. A primeira delas, uma visita à Instituição durante atividade realizada no cotidiano do CAPS, no mesmo horário em que a proposta das oficinas sobre história seria realizada.

As anotações efetuadas pelos estudantes durante as oficinas foram utilizadas no trabalho como recursos que garantissem o registro das histórias contadas e construídas. Deste modo, a cada oficina eram realizados registros escritos das histórias, os quais eram lidos para o grupo na oficina seguinte. A escolha por esse método, de registro e comunicação do que fora anotado, decorre da possibilidade dos participantes das oficinas recontarem e reconstruírem as histórias, sugerindo alterações, incluindo narrativas que ficaram de fora do registro e/ou narrativas que precisassem de uma modificação em sua redação. Assim, o saber que se privilegia é do participante da oficina.

Do mesmo modo, os estudantes elaboraram diários de campo a cada oficina, considerando o funcionamento do grupo, a elaboração das histórias e as ações/reações individuais no trabalho. Tais registros foram fundamentais para o processo de supervisão e avaliação das atividades, o que auxiliou na elaboração das propostas para as próximas oficinas.

CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS

Na primeira oficina, os participantes em resposta ao convite para falar sobre a palavra história, atribuíram conceitos e temáticas à mesma. Dentre eles: “história é começo de vida”, “história é uma lembrança do passado”, “história me faz pensar na vida da gente”, “história pode ser algo verídico ou história de trancoso – *mentiroso*”. A partir dessas falas e da discussão ocasionada por elas, decidiu-se junto aos participantes que eles iriam contar no grupo as histórias de trancoso,

histórias de vida, histórias da cidade em que vivem e história do CAPS que frequentam. Assim, as demais oficinas funcionaram a partir do material produzido nesse primeiro dia e cada um desses sentidos, atribuídos por eles à palavra história, foram abordados nos dias seguintes.

A respeito da proposta inicial da equipe, de construção de um livro de contos, um dos participantes sugeriu que fosse alterada para elaboração de um jornal. Justificou para isso que, durante as oficinas, contariam muitas histórias, e por esse motivo, considerou mais interessante registrá-las por meio de um jornal. A emergência desse sujeito serviu como ponto de amarração para as oficinas, pois a partir dela construiu-se a possibilidade de um vínculo que possibilitou efeitos terapêuticos relevantes. A sugestão do jornal foi aceita por unanimidade no grupo e assim, as oficinas terapêuticas realizadas nesse CAPS tiveram como objetivo, enquanto produto material, um jornal para retratar as histórias contadas por eles nas atividades das oficinas. Sobre a importância de ser extraído um produto final, concreto, das oficinas concordamos com Guerra (2008, p. 51), quando afirma que: “ao criar coisas concretas, talvez o psicótico estivesse extraindo do ventre do Outro, objetos reais que, permitindo-lhe produzir um resto nessa operação – um objeto inédito – talvez lhe conferisse uma densidade simbólica sobre sua corporalidade real”.

Durante a confecção das histórias e no modo como estas foram narradas, ressalta-se as construções e reconstruções, as formas como os sujeitos deram lugar às palavras e expressaram suas alegrias e seus sofrimentos ao contar episódios de suas vidas. As histórias compõem um roteiro e um enredo que se entrelaça com a vida, com o corriqueiro, com aquilo que não se vê ou lembra, mas que persiste para aquele sujeito. Assim, em certos momentos, como por exemplo, ao contarem um triste episódio da cidade, no qual foram acometidos por uma cheia do rio que atravessa a mesma, muitos sujeitos se emocionaram ao falar das perdas, a morte de parentes e perda de casas, tendo que ficar abrigados em uma escola da cidade. Aqueles que contaram a história se emocionaram e os demais participantes do grupo demonstraram um ouvir atento e solidário. Isto é importante à medida que permite pensar as possibilidades de laço social, que se constitui no ato de fala (Costa-Moura, 2006).

A fala dos participantes apresenta um discurso rico em figuras de linguagem. Muitos deles recorrem à metáfora como estratégia de comunicar algo que está em outro lugar, mas que facilita a fala, e ao mesmo tempo, a manutenção e o gerenciamento do sofrimento que a fala pode despertar. Falas, que podem a um leigo carecer de sentido, as quais estabelecem um lugar

para estes sujeitos. Outros preferem eufemismos, como alternativas de falar daquilo que não pode ser diretamente abordado. O uso da linguagem, ao contarem suas histórias, também é ampliado por alguns deles, os quais criaram palavras novas e se serviram de outros recursos além da fala, como mímicas e gestuais. Em todo esse processo de narrativa, a construção de uma história possibilita circunscrever o lugar de quem fala.

Assim, o espaço das oficinas se constituiu enquanto um lugar para a produção de histórias que obedeciam a um enredo singular, mas que garantiram um processo de enlaçamento social significativo. Isto pode ser circunscrito por meio da forma como as oficinas foram conduzidas: as histórias poderiam ser contadas e recontadas, sendo também um espaço para produção coletiva. Por exemplo, em uma das oficinas, os sujeitos precisaram entrar em acordo para decidir a história que contariam e o que seria relatado; e assim, completar as frases ditas por outros participantes, considerando uma lógica, um tempo e um enredo que garantisse sustentá-la no processo dessa narrativa, eleita por aquele grupo.

Em outro dia de oficina, os participantes formaram grupos com cinco sujeitos em cada um. Eles puderam escolher com quem formariam o grupo e, informou-se que construiriam histórias para depois narrá-las aos demais. Nesse processo, em um dos grupos todos os integrantes queriam contar suas histórias; os estudantes informaram a eles que o combinado era contar uma história, assim eles teriam que escolher qual seria. A intervenção no grupo, de que teriam que escolher quem contaria a história que eles construiriam, surtiu efeito. Em seguida, os participantes apontaram a pessoa que contaria a história e sugeriram que contasse a história do sertão, com ênfase no sofrimento das pessoas. A supervisão também se constituiu como um espaço de construção, na medida em que possibilitou aos estudantes a reflexão da condução do trabalho e a construção de alternativas pelos participantes, como a negociação e o acordo entre os pares.

Nesse sentido, podem-se notar as mudanças de alguns sujeitos, que apontaram para um posicionamento diferenciado em relação às histórias e à comunicação no grupo. A não participação de um dos sujeitos do grupo intrigava os estudantes, que em supervisão, questionaram essa distância das atividades. Em pouco tempo de oficinas, eles se surpreenderam. O sujeito que se apresentava afastado, resolve falar, narrar sua experiência no CAPS e durante o passeio, conversar com os coordenadores do grupo.

Em relação à terapêutica e construção de vínculo que promova esse espaço de contar histórias, consideramos relevantes as formas como os sujeitos se referiam uns

aos outros, o modo que construíram suas histórias e ouviram com interesse as histórias dos outros. Com isso, configura-se a importância do trabalho de intervenção com oficinas terapêuticas, as quais, segundo Guerra (2008, p. 53) “permitem a construção de uma outra superfície para localização desse gozo [do Outro]”, pois garante a construção de algo a partir da singularidade com que cada sujeito manifesta-se.

A construção das oficinas e dos recursos temáticos contou com a participação dos sujeitos na elaboração dos temas, na escolha do que fora escrito no jornal, no formato e disposição em que as histórias aparecem na edição, e até mesmo na confecção da autoria das histórias, circunscurendo um lugar importante e efetivo na confecção do jornal. O aspecto de autoria apresentou-se como algo importante para os sujeitos ao escolherem as histórias e se inscreverem como construtores destas.

O JORNAL DO CAPS

A proximidade do fim das oficinas foi um fator importante na construção do jornal. Os sujeitos, aos poucos, demonstraram insatisfação com esse ponto de basta: chegaram calados nas últimas oficinas e tiveram dificuldade em iniciar a atividade de nomeação do jornal. Por outro lado, quando tinha início, não paravam de falar sobre as histórias que estavam construindo. Este foi um processo que, certamente, denunciou a proximidade do fim das oficinas para os sujeitos e a tentativa deles, ao continuar contando suas histórias, de adiamento deste fim. Eles sabiam que estas histórias não mais entrariam no jornal, uma vez que já estava findada a sua elaboração, conforme acordado no início das oficinas.

Mesmo assim, os sujeitos foram aos poucos se envolvendo no processo de criação do jornal e através de uma eleição, escolheram *Jornal do CAPS*, dentre cinco nomes sugeridos pelo grupo: *Jornal do CAPS*, *Jornal Nacional do CAPS*, *Jornal das Histórias do CAPS*, *Estrela da Noite* e *Jornal Alagoano do CAPS*. Nesta oficina, alguns participantes disseram que não sabiam ler, mas que consideravam muito importante fazer esse jornal, “um jornal bem estudado”. A ilustração e edição deste foram decididas a partir das discussões decorrentes da montagem de um painel com todas as histórias contadas durante as oficinas. O painel permitiria visualizar o aspecto performático do jornal, com as disposições dos temas. Quais estariam na primeira página do jornal? Quais fechariam o jornal? Como seria a capa do jornal?

Assim, a elaboração do jornal possibilitou a emergência de posições subjetivas na organização das narrativas, à medida que os sujeitos escolheram

o que aparece na primeira página, o que compõe o jornal, de que forma as histórias foram dispostas no jornal, firmando acordos, elegendo as histórias que o compuseram, definindo a quantidade de histórias e quais ficariam de fora da edição.

Todos participaram com entusiasmo dessa etapa de confecção do jornal. Os coordenadores do grupo digitalizaram o jornal, o qual foi apresentado aos participantes para sua aprovação. Após concordância do material produzido, foi entregue uma cópia do jornal a cada autor. Nesse momento, eles disseram que gostariam de presentear algumas pessoas com o jornal para mostrar as histórias que haviam construído. A esse respeito, concordamos com Guerra (2008) quando afirma que ao criar coisas concretas na oficina terapêutica “o psicótico seria deslocado ou separando dessa posição de objeto do gozo do Outro ao criar um objeto externo, endereçado ao social, via oficinheiro ou qualquer outra pessoa ou instituição” (p. 51).

Nesse contexto, vale ressaltar a sugestão de um dos participantes da confecção do jornal em detrimento de um livro de contos, proposta inicial da equipe. Um jornal apresenta um uso social mais direto – de informação, de narrar fatos e histórias do cotidiano. Ao mesmo tempo, um jornal tem legitimidade social e a função de aproximar o estranho do comum, do que pode ser dito, contado e comentado.

No final dessa última oficina os participantes estavam calados, alguns ficaram na sala sentados olhando os coordenadores do grupo, em silêncio. Chamou a atenção dos estudantes, a ação espontânea dos participantes em desfazer o painel que havia sido montado durante a confecção do jornal, uma vez que no final das outras oficinas eles saíam da sala, ou então, se envolviam com outras atividades. E, por meio desse ato, os participantes marcaram o término das oficinas terapêuticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque dado à construção de histórias de vida e do lugar enquanto instrumento privilegiado nas oficinas justifica-se por seus resultados, os quais retificam sua função terapêutica. O Jornal do CAPS, produzido por sujeitos em tratamento no CAPS Dr. Cabral Toledo, retratou suas histórias de vida e do cotidiano do lugar em que moram.

O processo de confecção desse jornal contou com a efetiva participação dos sujeitos que ao narrar suas histórias, individuais e coletivas, possibilitou a expressão dos mesmos, a qual produz efeitos terapêuticos. Estes foram identificados por meio de mudanças na comunicação entre os participantes, no ato de contar e construir histórias, e na convivência

entre os integrantes do grupo. Além disso, as oficinas possibilitaram a construção e reconstrução de histórias, às quais os sujeitos atribuíram autoria e importância.

Por fim, vale ressaltar que a parceria entre professores do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas e o Centro de Atenção Psicossocial tem contribuído com as possibilidades de intervenção em oficinas terapêuticas, como descrito no presente artigo. Com isso, visamos destacar a importância em considerar a singularidade dos participantes, da instituição, dos profissionais e do contexto em que cada CAPS está inserido, minimizando o risco em se tratar os sujeitos atendidos no CAPS de forma segregadora e padronizada, apenas reproduzindo modelos já existentes.

REFERÊNCIAS

- Alberti, S., & Figueiredo, A. C. (org.) (2006). *Psicanálise e Saúde Mental: uma aposta*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Andrade, R.D.R. (2005). Discussão x construção do caso clínico [online]. *Mental*, 3, 4, 45-58. Recuperado em: 07 ago. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000100004&lng=pt&nrm=iso>.
- Bastos, J.A., Zanotti, S. V., & Oliveira, A. A. S. (2009). Sofrimento psíquico e cultura: formando psicólogos em Centros de Atenção Psicossocial. In A. Trimboli et al. (comp., org.). *El padecimiento mental entre la salud e enfermedad*, (1ª ed.): (Vol. 1: pp. 510-511). Buenos Aires: AASM.
- Brasil. Ministério da Saúde. *Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial*. Brasília, DF, 2004.
- Costa-Moura, F. (2006). A psicanálise é um laço social. In S. Alberti, & A.C. Figueiredo (org.). *Psicanálise e Saúde Mental: uma aposta* (pp. 149-153). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Costa, C. M., & Figueiredo, A. C. (org.) (2008). *Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania* (pp. 23-58). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Figueiredo, A.C. (2004). A construção do caso clínico: uma contribuição à psicopatologia e à saúde mental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 7, 1, 75-86.
- Freud, S. (2001). Construcciones en el análisis. *Obras completas* (Vol. 23: pp. 255-256). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Obra original publicada em 1937).
- Guerra, A.M.C. (2008). Oficinas em saúde mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática. In C.M. Costa, & A.C. Figueiredo (org.). *Oficinas terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania* (pp. 23-58). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Ibáñez, T. (1993). Construcciones y psicología. *Revista Interamericana de Psicología*, 28, 1, 103-125.
- Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, J.A. (2005). A volatilização da Fixierung freudiana. In Silet. *Os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan* (pp. 187-201). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Viganò, C. (1999). A construção do caso clínico em saúde mental. In *Psicanálise e Saúde Mental*, (Belo Horizonte: Curinga). 13.

Recebido em: ??/??/2009. Aceito em: ??/??/2010.

Autores:

Susane Vasconcelos Zanotti – Doutora em Psicologia pela UFRJ com estágio de doutorado no Departamento de Psicanálise da Universidade Paris 8. Professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Família, Gênero e Desenvolvimento Humano (UFAL) e do Grupo de Pesquisa Clínica Psicanalítica (CLINP) – UFRJ/CNPq. Membro do Grupo de Trabalho Psicopatologia e Psicanálise da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Pesquisadora associada ao NIPIAC-IP-UFRJ. Tutora da Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA-UFAL).

Adélia Augusta Souto de Oliveira – Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora adjunta e pesquisadora da Universidade Federal de Alagoas junto ao Grupo de Pesquisa: Família, Gênero e Desenvolvimento Humano; líder do Grupo de Pesquisa: Epistemologia e a Ciência Psicológica e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo junto ao Núcleo de Pesquisa: Estudos dos processos de exclusão/inclusão psicossociais. Membro do Grupo de Trabalho Psicologia Sócio-histórica no

contexto de desigualdade social da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. E-mail: <adeliasouto@ig.com.br>.

Juliano Almeida Bastos – Psicólogo formado na Universidade Federal de Alagoas. Coordenador do Centro de Atenção Psicossocial Dr. João Cabral Toledo. Psicólogo do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes. E-mail: <juliusbastos@yahoo.com.br>.

Wanderson Vilton Nunes da Silva – Estudante do curso de Psicologia. Bolsista do Projeto de Extensão “Oficinas Terapêuticas em Centros de Atenção Psicossocial: intervenção e formação do estudante de Psicologia” (PROAPEX/2008-UFAL). E-mail: <vandersonvilton@uol.com.br>.

Enviar correspondência para:

Susane Vasconcelos Zanotti
Universidade Federal de Alagoas – Campus A.C. Simões
Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins
CEP 57072-970, Maceió, AL, Brasil
E-mail: <susanevz@yahoo.fr>